

A COLONIZAÇÃO INGLESA E FRANCESA

Ingleses e franceses custaram muito a consolidar seus Estados Nacionais. Enquanto Portugal estabelecera sua Monarquia Nacional, Centralizada, com a Revolução de Avis (1383-85) e a Espanha após o término da Reconquista (1492), a Inglaterra apenas iniciava sua Centralização Política com Henrique VII (Tudor), e a França passaria ainda por muitos percalços políticos no século XVI para dispor-se à expansão marítima.

Não faltava vontade aos dois, faltavam condições políticas.

Comparados, portanto, às nações Ibéricas, estavam atrasados.

Os Ingleses

Ainda no reinado de Henrique VII, o navegador italiano a serviço da Coroa inglesa, Giovanni Caboto (1497/98) explorava a região da América do Norte chamada de Carolina do Sul. Bem mais tarde, em 1578, Humphrey Gilbert tomava posse da Ilha de Roanoke, na Carolina do Norte. Ambos andavam em busca da passagem do Noroeste, que lhes permitisse chegar às Índias.

A rivalidade de Elizabeth I com a Espanha, de um lado, aguçava o desejo inglês de apossar-se de terras da América e de outro, tornava-os cautelosos, por temor à Espanha.

Esta, entra em decadência em termos de poderio marítimo, após a derrota da chamada Invencível Armada em 1588.

No entanto, só com a ascensão dos Stuart (1603) é que se reúnem as condições internas – intensa acumulação de capitais em mãos da burguesia e sua associação com a Coroa – e externas, com a decadência dos Habsburgo na Espanha e no Santo Império Romano Germânico.

Formam-se 2 companhias de comércio às quais o Rei concede direitos de colonização e exploração da costa Leste da América do Norte.

Uma Companhia, a de Londres, ficará com territórios da Flórida ao Rio Potomac, e a de Plymouth, do Cabo Fear a Nova York, ao norte, formando a Nova Inglaterra.

Entre as duas, o Rei deixou um território sem ocupação para evitar as disputas entre os colonos das duas companhias. Essa “terra de ninguém” será penetrada por colonos holan-

deses, suecos e de outras nacionalidades, só mais tarde sendo dominadas pelos ingleses.

As condições

A Inglaterra passava então por transformações estruturais, acelerava-se o processo conhecido como “enclosures”.

Esse cercamento dos campos, implicava na eliminação da servidão pela via da expulsão dos camponeses de suas parcelas de terra e da apropriação privada das terras comunais, gerando um impressionante contingente de população proletarizada e marginalizada, passível, pois, de ser atraído para a emigração.

Caso não pudessem pagar sua viagem, assinavam um contrato obrigando-se a trabalhar por sete anos para pagar a dívida contraída com a passagem, alojamento, etc. Era a servidão por dívida: “indentured servant”.

Muitos que já viviam na América também eram reduzidos a essa condição, fosse para pagar dívidas, ou escapar à prisão por algum crime.

Outros vinham das Antilhas, onde a formação das “Plantations” eliminava a camada de pequenos proprietários.

Outro contingente disposto a emigrar era composto de nobres ou burgueses vítimas de perseguições políticas ou religiosas. Esses, naturalmente, não vinham como “indentured servants”. A uma parte deles, no entanto, atribuiu-se a instauração na América de princípios políticos democráticos, caso especial dos chamados *Peregrinos do Mayflower*, chegados em 1620, às costas de Massachussets.

Por fim, os negros serão trazidos da África para constituírem a massa escrava que constituirá a base da mão-de-obra nas colônias do Sul.

As Características

Foram três áreas de colonização: o Norte, o Centro e o Sul.

No Norte, praticava-se a agricultura, em especial de cereais, mas o clima e o solo não se constituíam em estímulo para essa atividade, destacando-se a pesca e o comércio de peles.

O pescado, depois de salgado e embarricado, servia tanto ao consumo das próprias colônias como à exportação, assim como as peles.

A região presenciara um desenvolvimento industrial pela abundância de matérias-primas e de mão-de-obra qualificada.

Naturalmente, essas atividades desrespeitavam as proibições impostas pela Metrópole.

O rum era um dos principais produtos da região, feito com o melaço vindo das Antilhas. O rum tanto servia para trocas com os índios, quanto para troca por escravos na África, que eram trazidos para as Antilhas, em troca novamente do melaço. Constituíam-se, assim, o comércio triangular.

Também da Nova Inglaterra saíam pescados e cereais para as Antilhas em troca de açúcar que seguia para a Inglaterra que vendia produtos manufaturados à Nova Inglaterra. Era outro triângulo que se estabelecia.

No Centro, estabeleceram-se colônias particulares e religiosas, com uma razoável diversidade populacional.

Nessa região, as terras eram boas para a agricultura e nelas, a exemplo do Norte, prevaleceram as pequenas propriedades.

O corte de madeira e a construção naval foram outras atividades de destaque nas colônias do Centro.

Já no Sul, desde o início, prevaleceram as grandes propriedades monocultoras e produtoras para o mercado externo: o típico sistema de “plantation”.

Também aí, a mão-de-obra, originalmente de “indentured servants”, foi totalmente substituída por escravos africanos.

Política e Administração

Toda a colonização teve um caráter particular, sendo insignificante a participação do Estado. Somente muito mais tarde, a Coroa assumiu algumas colônias.

Cada colônia (que, à época da Independência, eram 13), tinha sua própria autoridade.

Cada uma tinha um Governador, nomeado pela Metrópole no caso das colônias da Coroa. Em cada uma, havia ainda um Conselho, ou Câmara Alta, cujos membros eram ou nomeados ou eleitos – conforme a colônia – entre as pessoas mais ricas. As Assembléias Legislativas ou Câmaras de Representantes, eleitas entre os homens livres (variando o critério, por riqueza, por religião, etc.). Estas é que se encarregavam de decidir sobre leis e impostos. Isso significa dizer que era nas colônias que se decidiam os impostos.

Isso é o que se chama de “Negligência Salutar”, essa não-intervenção da metrópole, em

particular no que diz respeito às decisões sobre impostos. Esta política foi abandonada em meados do século XVIII, fato que desencadeou o movimento pela Independência.

Guerras Intercoloniais

Houve, durante o período colonial, um total de 5 guerras em que se envolveram os colonos.

Na verdade, foram guerras entre a Inglaterra e a França, envolvendo às vezes a Espanha, em que os colonos tinham algum interesse para ampliar suas terras ou seus negócios, brigando com seus vizinhos, os colonos franceses e, por vezes, os espanhóis.

Os Franceses

No reinado de Francisco I, que jamais se conformara com os termos do Tratado de Tordesilhas firmado entre Espanha e Portugal, ocorreram as primeiras tentativas francesas de se estabelecer na América do Norte.

Em 1524, buscando a passagem do Noroeste, para chegar às Índias, o florentino Giovanni Verrazzano tomou posse da Terra Nova em nome do Rei da França.

Entre 1534 e 41, Jacques Cartier fez 3 tentativas de criar uma colônia francesa no Rio São Lourenço.

O Almirante Coligny, líder huguenote, organizou duas expedições para criação de colônias de povoamento, Charlesfort (Flórida – 1562-67) e a França Antártica (Rio de Janeiro – 1555-67).

Todavia, a dinastia francesa estava muito ocupada com a luta contra os Habsburgo nas chamadas Guerras da Itália (1494-1559) e depois com as Guerras de Religião na própria França, entre 1562-98.

Somente com Henrique IV, Bourbon, (1589-1610), consolida-se o Absolutismo e se incentivará a colonização. No século XVII, portanto.

Em 1605, funda-se Port Royal e, em 1608, Québec, no Canadá.

No entanto, as companhias particulares autorizadas a promover a colonização, concentravam suas atividades no que fosse imediatamente lucrativo, deixando de promover a colonização propriamente dita.

Entre 1618 e 48, Richilieu introduz a França na Guerra dos 30 Anos, para enfraquecer os Habsburgo, e incentiva uma companhia católica para a colonização do Canadá.

Essa iniciativa tem um defeito básico: não permite a participação dos protestantes,

justamente os que pertencem ao setor mais empreendedor da burguesia.

Ademais, os colonos terão sempre o conflito com os jesuítas que querem “reduzir” os índios, como faziam no Brasil. Os colonos querem os índios soltos para caçarem e comerciarem com eles.

No reinado de Luiz XIV, seu ministro Colbert convencerá o Rei a transformar tudo em Colônia da Coroa, promovendo profunda reestruturação.

Cria o cargo de Governador Geral e o de Intendente, além de conselho com representantes de todas as partes da colônia.

Incrementa a colonização com deportados, com mulheres incentivadas a se casar na colônia e os “engagés” (engajados) ou “trente-six-mois” – servos por dívidas, obrigados a prestar serviços por 36 meses.

Apesar de tudo, a colonização francesa no Canadá prosseguirá rala e dispersa.

A Louisiana

Em busca de peles, os colonos franceses do Canadá irão explorar as terras ao Sul dos Grandes Lagos, seguindo o curso do Mississipi, do Illinois e do Missúri. Em 1682, chegou-se à foz do Mississipi, no Golfo do México.

Nessa trilha, fundaram-se feitorias, fortes e missões, mas a colonização prosseguiu pequena e sempre ameaçada pelos anglo-americanos, a Leste e pelos espanhóis, ao Sul.

Em 1717, um escocês estelionatário, atraiu muita gente na França, para fundar Nova Orleães, às margens do Mississipi.

As Antilhas

Desde o século XVI, rivalizando com ingleses e holandeses, piratas e corsários franceses disputaram o controle das Antilhas, base de ataque aos navios e às colônias espanholas.

No século XVII, a Espanha tinha praticamente abandonado as Pequenas Antilhas, sendo ocupadas pelos franceses, sempre como base para a pirataria e o contrabando.

Passaram a ser também áreas de produção de cana-de-açúcar, mandioca, tabaco, café inclusive.

Com o extermínio dos índios caraíbas que resistiram a essa dominação, os franceses usaram a mão-de-obra dos “engagés”, logo substituída pelos escravos africanos, que no século XVIII constituíam a ampla maioria da população antilhana.

Colbert criou em 1664 a Cia. Das Índias Ocidentais, que tinha também o monopólio do tráfico negreiro com o Senegal.

Já em 1685, editava-se o “Código Negro”, que proibia que os escravos fossem torturados ou mortos. Obviamente que isso nunca foi obedecido.

Em 1698, tudo dentro da política Mercantilista, editava-se o Código do Comércio Colonial, que estabelecia claramente o Pacto Colonial.

As várias guerras que a França teve com a Inglaterra fizeram-na perder praticamente todas as suas colônias. O Canadá e as Pequenas Antilhas para os ingleses. A Louisiana passou para a Espanha (mais tarde devolvida à França, e depois vendida por Napoleão para os Estados Unidos). São Domingos (Haiti) ficou independente.

O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA

Da mesma forma que a expansão marítimo-comercial europeia de fins da Idade Média e início dos Tempos Modernos levava aos grandes descobrimentos, à conquista e à colonização da América, a Revolução Industrial levará à desmontagem do sistema colonial.

A Crise do Antigo Regime

A Monarquia Absoluta com sua prática econômica mercantilista permitiu à burguesia a acumulação de capital.

No século XVIII, esse processo está esgotado.

A produção manufatureira, fortemente protegida e regulamentada pelo Estado Absolutista, alcançara o seu limite. Com aquelas técnicas, com aquela organização do trabalho, a produtividade não tinha como crescer. Se a produção tiver que crescer, sem aumento de produtividade, a taxa de lucro tenderá a baixar.

Ao mesmo tempo, o mercado consumidor mundial tendia ao crescimento. Dá-se, pois, uma situação de oferta menor que a procura.

Havia, portanto, a necessidade de se empregar novas técnicas de produção. Era necessário passar da manufatura para a indústria. Só assim haveria solução para a crise econômica.

Todavia, uma grande crise econômica só se resolve com uma grande mudança política.

Burguesia X Absolutismo

A burguesia crescera à sombra do Absolutismo.

O Rei, por sua vez, sustentava-se no apoio dado pela burguesia contra a nobreza feudal.

Esta não fora destruída, nem poderia sê-lo, pois, nesse caso a burguesia não precisaria mais do Rei.

O Rei arrecadava os impostos da burguesia e sustentava a nobreza, mantendo uma imensa, faustosa e custosa corte. Mantinha também um enorme exército e uma grande burocracia.

Tudo isso custava muito, mas não fazia diferença quando o sistema mercantilista e as manufaturas estavam em expansão.

Com a crise, os custos continuam altos e os impostos mais ainda. Tanto mais, que já não se ganhava tanto quanto antes.

A burguesia quer então saber onde são gastos os impostos. Isso não pode ser dito pelo Rei, sob pena de abrir mão do poder absoluto.

Os burgueses precisam então, entender o porquê da crise, até para saber se é possível resolvê-la.

Para tanto, precisam analisar, a economia, a política e a sociedade, em suma, precisam ter uma visão de mundo completa. Há que se encontrar um método para fazer essa análise.

Desde que surgiu, na Idade Média, a burguesia iniciara o questionamento de todo conhecimento, até aí baseado exclusivamente na fé, contrapondo-lhe a razão.

No século XVIII, é tal a sua convicção de que a “razão pura” explica tudo, resolve tudo, liberta, ilumina, que se cria um pensamento filosófico chamado **Iluminismo**.

Com base nele, a burguesia compreenderá o funcionamento do sistema ao qual passará a chamar de Antigo Regime. Compreenderá também que é necessário mudá-lo e, em seguida, que é possível mudá-lo e, finalmente, que ela deverá assumir a responsabilidade histórica de ser o sujeito dessa mudança: torna-se, pois, uma classe revolucionária.

A primeira tarefa dessa transformação, dessa revolução, será a derrubada do Absolutismo Monárquico.

Com a queda do Absolutismo enterra-se definitivamente o Feudalismo, libertando-se os servos.

Estes ficarão livres principalmente de suas posses. Serão transformados em pessoas juridicamente iguais a todas as outras. Só que... sem meios de produção, tornam-se proletários.

Desse modo, constituirão o grande exército de mão-de-obra para as indústrias de propriedade dos burgueses.

A economia ficará totalmente livre da intervenção do Estado.

Assim, os burgueses poderão introduzir todas as novas técnicas que quiserem: será a **Revolução Industrial**.

Será tal a capacidade de produção da indústria, que ela necessitará de quantidades infinitamente maiores de matérias-primas, assim como exigirá a ampliação dos mercados consumidores

É isto que conduzirá à crise do sistema colonial.

A Inglaterra, por exemplo, primeiro país a fazer a Revolução Industrial, precisa ter acesso direto aos produtores de matérias primas, assim como acesso direto aos mercados consumidores. Não se aceita mais a intervenção das metrópoles. Não se aceita mais o Pacto Colonial.

Da mesma forma que o Mercantilismo é substituído pelo Liberalismo Econômico, o pacto colonial tem que dar lugar ao livre comércio.

Para tanto, é preciso que as colônias se separem das suas metrópoles, que se tornem países livres, para produzir matérias-primas e comprar produtos industrializados.

Falta só encontrar, nas próprias colônias, gente que queira jogar com as novas regras do jogo.

A INDEPENDÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

A Inglaterra foi a primeira nação do mundo a passar pelo processo de Revolução Industrial, em meados de século XVIII.

É que foi a Inglaterra também o primeiro país onde o Absolutismo foi derrubado.

As Revoluções Puritana (1648) e Gloriosa (1688-89), tinham enterrado a forma absolutista de governo e acelerado a acumulação de capital em mãos da burguesia.

Tinham também criado condições internas e externas para o desenvolvimento capitalista.

Internamente, os “enclosures” haviam criado uma imensa massa proletarizada, pronta para constituir-se na mão-de-obra barata da manufatura e, em seguida, da indústria.

Externamente, um poderio naval incomum havia posto nas mãos da burguesia

inglesa o acesso a um imenso mercado consumidor.

É natural, portanto, que as idéias liberais tivessem lugar, e maior consistência prática, entre os ingleses, do que entre aqueles – como os franceses – que ainda teriam que derrubar o Absolutismo.

A Inglaterra passa a defender, então, a Independência de todas as colônias... dos outros, naturalmente.

A “ironia” da História é que será justamente a sua principal colônia a primeira a conquistar a independência.

Como vimos anteriormente, as chamadas 13 colônias inglesas da América do Norte constituíram-se de forma diferente de todas as outras colônias.

Gozaram sempre de grande autonomia; eram, em sua maioria, típicas **colônias de povoamento**; fugiam ao padrão geral das colônias de exploração.

O Fim da “Negligência Salutar”

A consolidação do poderio mundial inglês se fez à custa de muitas guerras contra seus rivais europeus.

No século XVIII, a França foi a principal rival da Inglaterra. A Espanha, como também era governada pelos Bourbon, acabava secundando a França nas guerras contra a Inglaterra.

Em particular, a Guerra dos Sete Anos (1756-63) foi muito vantajosa para a Inglaterra.

Ganhou, da França, o Canadá, a Índia e os territórios a Oeste das 13 Colônias.

Entretanto as despesas de guerra e as novas despesas com a administração das colônias conquistadas nesta guerra, levaram a Inglaterra a uma grande crise financeira.

Para compensá-la, os ingleses decidem criar e aumentar impostos, além de estabelecer fortes restrições à liberdade, até então tolerada, das 13 Colônias.

Contraditoriamente, no exato momento em que está nascendo o Liberalismo Econômico, a Inglaterra apela ao mais surrado modelo mercantilista.

Em 1764, foi lançado o “Sugar Act” (Lei do Açúcar). Em 1765, o “Stamp Act” (Lei do Selo).

Nesse caso, os colonos reagiram convocando o Congresso da Lei do Selo, no qual decidiram não mais comerciar com a Metrópole. Basearam-se no princípio “no representation, no taxation”.

Defendiam a idéia de que o Parlamento inglês não podia decidir nada sobre a colônia, porque nele não estavam incluídos representantes coloniais.

Em 1766, foi revogada a Lei do Selo.

Mas a partir de 1767, o ministro Charles Townshend tornou a gravar a colônia com tributos de toda espécie: sobre papel, vidro, chá, etc..

Os colonos protestaram, e Boston assistiu a um massacre de manifestantes pelas tropas inglesas.

Diante de tais fatos, os ingleses suspendem todos esses impostos, exceto o do comércio do chá. Inclusive, em 1773, baixaram a “Tea Act” (Lei do Chá), concedendo o monopólio deste produto à Cia. Das Índias Ocidentais, uma empresa londrina.

Os protestos resultaram na chamada “Boston Tea Party”, que, por sua vez, fizeram a metrópole editar as chamadas Leis Intoleráveis (1774).

Estas esgotaram a paciência dos colonos, que convocaram o Primeiro Congresso Continental de Filadélfia. Boicotava-se todo comércio com a Inglaterra.

Como esta reagisse violentamente, convocou-se o Segundo Congresso Continental de Filadélfia (1775).

A 4 de Julho de 1776, aprovou-se a Declaração de Independência, redigida sob a batuta de Thomas Jefferson.

A Guerra de Independência

Obviamente, que os ingleses não aceitaram tal declaração, iniciando-se uma guerra entre eles e os colonos.

George Washington comandará o exército libertador. Após várias derrotas, dada a desproporção de forças, obtém importante vitória em Saratoga (1777).

Esse feito credenciará os americanos diante da França, que para recuperar terras perdidas na Guerra dos Sete Anos, dará apoio, sobretudo naval, aos norte-americanos.

Em 1781, os ingleses capitulam em Yorktown e, em 1783, firmam o Tratado de Paris, entregando as Antilhas e o Senegal à França. A Espanha fica com a Flórida.

... E os Estados Unidos da América tornam-se a primeira República independente da América.

Está iniciada a ruptura do sistema colonial.

Autor: Prof. Reinaldo Lopes Martins